

O SEQUESTRO DO "AMAZONAS"

"Esta é a floresta de hálito podre,
parindo cobras".

Raul Bopp

("Cobra Norato")

O SEQUESTRO DO "AMAZONAS"

Projeto de filme e
seriado para Televisão.

Por GERALDO SANTOS PEREIRA

S i n o p s e

1. Na década de 50 a cidade de Lima, capital do Peru, foi abalada por crimes de extrema violência, noticiados com destaque na imprensa local e do exterior.

O primeiro desses crimes envolveu dois peruanos, amigos e sócios em negócios escusos, Carlos Lopez Aguirre e Julio Carvajal.

- Deixando os braços ardentes de sua amante, Marisa Montero, mexicana de grande beleza, Aguirre, chamado ao telefone por Carvajal, embarcou em Nova York e chegou de avião à capital peruana. De aeroporto dirigiu-se com Carvajal para a casa de um correligionário, que os traiu. E lá o fuzilaram com dez tiros de revólver e pistola.

O segundo crime ocorreu algum tempo depois, em local noturno do porto de Lima, quando um trabalhador portuário, Zimaco, matou alto funcionário da administração do porto, que o chamara de "índio miserável", cortando-lhe a carótida com uma navalha.

O terceiro crime teve como cenário a paisagem impressionante da selva amazônica, próxima à cidade de Iquitos, envolvendo dois seringueiros contratados por empresa peruana e norte-americana de extração de borracha. Por motivo fútil de dívida, o seringueiro e boliviano Juan Diaz prostrou por terra, com uma cacetada, um companheiro de trabalho, cujo corpo desfalecido amarrou no tronco de uma seringueira. Em seguida, com frieza diabólica, acendeu uma banana de dinamite, furtada de um depósito, afastou-se e, de longe, ficou observando a explosão que dilacerou o corpo do infeliz, provocando grande incêndio no seringal.

O quarto assassinato, também noticiado com estardalhaço pela imprensa, envolveu, desta vez, um brasileiro, Miguel Viana, músico jovem, integrante de um conjunto musical de uma das mais luxuosas boates de Lima. Motivado por ciúme mórbido e irrefreável, Miguel Viana assassinou a amante, "taxi-girl" da casa noturna, estrangulando-a com a corda de sua guitarra elétrica.

O quinto e último crime teve como protagonistas um mecânico, Aldo Ridruejo, portador de defeito crônico na perna esquerda que o fazia

O SEQUESTRO DO "AMAZONAS"

Argumento Cinematográfico
de Geraldo Santos Pereira

1. A primeira seqüência do filme, surgindo antes dos letreiros de apresentação, narra, de forma sintética e dinâmica, os antecedentes criminais do grupo central de personagens: Lopo de Aguirre, Carvajal, Zimaco, Juan Diaz, León Gimenez e Aldo Ridruejo.

Abre-se a seqüência com as imagens de Carlos Lopo de Aguirre, homem de meia-idade, forte e másculo, nos ardorosos braços de uma linda mulher, sua amante, em elegante bairro residencial de uma grande cidade, que pode ser México, Nova York, Paris, Buenos Aires, Londres, etc.

A abrasada cena de amor é bruscamente interrompida pelo chamado telefônico internacional de Lima, Capital do Peru. De lá, Carvajal, sócio e amigo de Lopo de Aguirre, dá-lhe notícia tão grave que o obriga a partir, extremamente preocupado, com destino ao Peru.

Na cidade sul-americana, Aguirre é recebido por Carvajal e os dois, fortemente armados, saem em busca de Miguel Salinas, que os denunciara à Polícia pelo tráfico de entorpecentes e outros negócios criminosos.

Miguel, que se escondera em casa de subúrbio, tem um fim trágico, fuzilado à queima-roupa pelos dois antigos companheiros.

A seqüência retrospectiva de violentos crimes, cometidos pelo grupo principal de personagens, prossegue com as imagens, fixadas num canto escuro do cais do porto de Lima, da feroz luta corporal de dois antagonistas: Zimaco, mestiço de forte compleição física, e um alto funcionário a quem o primeiro atribui a demissão do emprego de estivador.

Zimaco, a certa altura, dominando o contendor, retira do bolso uma navalha e, com ela, golpeia por diversas vezes o funcionário administrativo do porto, cujos gritos são abafados pelo silvo forte de uma embarcação que atraca, pouco adiante.

A ação do filme depois se transfere para o interior da selva ama-

zônica. não muito distante de Iquitos, e focaliza um trabalhador de seringal, boliviano rude, de traços indígenas acentuados - Juan Diaz - que se aproxima de outro trabalhador, com o qual se desentendera por questão de mulher, e o golpeia com força na cabeça.

Em seguida, tranqüilamente, o boliviano amarra o companheiro no tronco de uma seringueira e, com frieza, apanha uma banana de dinamite, acende o pavio e a coloca no bolso da vítima. E, calmamente, se afasta e, metros adiante, vai esperar a terrível explosão que, segundos depois, estraçalha o corpo do infeliz.

Outro crime brutal, também envolvendo personagem do filme, desloca a ação introdutória para o interior de um "cabaret", situado na zona boêmia de Lima.

Na pista de dança diversos casais evoluem ao ritmo de um conjunto musical, visto num pequeno palco, e do qual faz parte León Gimenez, um venezuelano alourado, jovem e calado, amante de uma bonita "taxi-girl" que dança na pista.

A moça, também jovem, dança com um assíduo freqüentador da boate, homem corpulento e mal-encarado.

A bailarina, para provocar o amante, que a fita com olhos sombrios, carregados de ciúme, recosta-se voluptuosamente no par, revelando malícia e sensualidade. A certa altura, no ângulo visual do instrumentista do conjunto, beija na boca, demoradamente, o companheiro de dança.

Nesse instante, trêmulo de ódio e ressentimento, Gimenez toca com força a guitarra elétrica, partindo uma de suas cordas.

Horas mais tarde, de madrugada, o venezuelano aguarda a amante num recanto despovoado da cidade. Quando ela desce do carro do mesmo homem com quem dançara, Gimenez se esconde no desvão de um muro e, assim que o carro se afasta, aproxima-se velozmente da amante e a arrasta para uma ruela precariamente iluminada. E lá, com a corda de aço da guitarra, o músico estrangula a amante.

O último episódio da introdução tem como protagonista um colombiano, Aldo Ridruejo, mecânico de uma oficina de automóvel. A nova sequência ~~se abre~~ ^{tem início} com a imagem de Ridruejo que abre a porta de um carro e liga o rádio a todo volume. Depois, com passos lentos, fecha a porta de aço da oficina e, com olhar duro, acende um maçarico e, com ele, se

aproxima do dono da empresa, homem de meia-idade, os cabelos grisalhos, amarrado fortemente numa coluna de cimento.

Este, quando fica consciente do terrível intento do empregado, supplica que lhe poupe a vida, que tem família e filhos, que lhe daria um ~~grande~~^{bom} aumento de ordenado, e que até lhe daria sociedade na oficina.

Ridruejo, contudo, não se abala com as súplicas e, depois, com os gritos e pedidos de socorro do infeliz. Aproxima-lhe o maçarico do rosto transtornado pelo desespero e, friamente, queima-o com a chama quentíssima do aparelho de solda.

Partindo da impressionante imagem da execução do proprietário da oficina e de seus gritos de dor e desespero, a objetiva corta diretamente para a chaminé de um navio "gaiola", o "Amazonas", que está chegando ao porto fluvial de Iquitos, na selva amazônica.

Depois a lente "Zoom" recua, abrindo o quadro, e focaliza parte do Rio Marañon, a selva, a cidade e, destacando-se no alto de uma colina, a famosa Penitenciária de "La Concepción".

Sobre estas imagens sobrepõem-se os letreiros de apresentação do filme, e que terminam com flagrantes do presídio, célebre em todo o Continente pela violência e brutalidade de seus métodos repressivos.

As últimas imagens dos créditos enfatizam o grupo de protagonistas do filme, exatamente aqueles que, na seqüência introdutória, foram vistos ao cometer os bárbaros crimes que os condenaram à prisão perpétua na penitenciária de Iquitos.

2. Aguirre, Carvajal, Juan Diaz, Ridruejo, Zimaco e León Gimenez, estão num canto do pátio interno da prisão, assistindo a uma partida de futebol jogada por detentos.

Quando escutam, ecoando no vale, o silvo grave do "Amazonas", entreolham-se expressivamente e um deles comenta, em voz baixa, para os outros:

- Chegou o "gaiola"!

Mais tarde, no horário preestabelecido, os detentos voltam às celas. Numa delas, no fim de comprido corredor, estão confinados os seis personagens centrais de nossa história. E ali, no reduzido espaço em que vivem, ultimam os preparativos do plano de fuga que, de longa data, vinham tramando.

Quando percebem a aproximação da equipe de alimentação que, com o carrinho da cozinha, distribui a primeira refeição do dia, os seis presidiários iniciam a operação de fuga. Zimaco apanha um pequeno frasco, roubado da enfermaria, e vai estender-se no centro da cela, enquanto, no corredor, está chegando o almoço.

Aguirre, os ouvidos colados na porta do cubículo, avisa que os guardas estão próximos. Carvajal aplica na boca de Zimaco o preparado químico que, em contato com a saliva, provoca a formação de uma espuma pegajosa, como a baba de epilético.

Ao ouvir a batida na porta da cela, Aguirre, nervosamente, adverte ao guarda, através da portinhala, que Zimaco passa mal, com um ataque esquisito.

O guarda espia pela portinhola e, de fato, avista o detento que, eficientemente, imita as convulsões de um doente.

O guarda vai, depressa, avisar ao Diretor da prisão, Camilo Ibarra, e ao Chefe da Guarda, Tenente Ramirez, a grave ocorrência na cela.

Ibarra e Camilo, com outros policiais do presídio, abrem a porta da cela e vão observar de perto o falso epilético.

É quando, de súbito, Aguirre aplica poderosa "gravata" no Diretor da Penitenciária, arrebatando-lhe o revólver "Parabellum" que trazia. Enquanto isto, Juan Diaz e outros detentos fazem o mesmo com Ramirez e outros dois militares.

Colocando o cano da arma na têmpora dos reféns, os seis amotinados deixam a cela e seguem pelo corredor, em meio à grande estupefação de todos.

Mais adiante, o grupo se apossa de duas metralhadoras e, seguido apenas pelo Diretor e o Chefe da Guarda, ameaçados pelas armas, furta uma camioneta da administração e, com ela, escapa da prisão, atravessando a cidade e, mais adiante, penetrando na selva que margeia o Marañon.

3. Tudo funcionara com perfeição e os seis fugitivos, protegidos pelos reféns, seguem por uma trilha na selva, afastando-se de Iquitos.

Quilômetros adiante, os foragidos param o veículo numa clareira e, afastando-se alguns metros, confabulam sobre o destino dos reféns.

Depois obrigam-nos a descer e caminhar pela mata. A certa altura, com falsa cordialidade, Aguirre comunica a Camilo Ibarra que estava livre, podia partir.

O Diretor, desconfiado, fica indeciso, mas, sob a mira das armas, dá alguns passos na selva e, repentinamente, cai num igapó coberto de raízes e musgo.

E nele, dramaticamente, começa a afundar, tentando sustentar-se de pé, o que piora cada vez a situação.

Os fugitivos, contemplando o fim trágico de Ibarra, começam a enumerar-lhe os crimes que cometera na prisão, aconselhando-o a pedir perdão a Deus por seus pecados.

Pouco a pouco, inexoravelmente, Ibarra vai sendo tragado pelo charco. Primeiro as pernas e tronco, depois o pescoço, o queixo, a boca, o

nariz, os olhos, a fronte e, finalmente, toda a cabeça, vão sendo sugados pela terra pantanosa, provocando uma sucção que também arrasta para baixo folhagens, raízes, musgos e arbustos.

Depois tudo silencia e o igapó volta à sua feição natural, como se nada houvesse acontecido.

Aguirre adverte, então, ao Chefe da Guarda, que "dali a pouco vai chegar sua vez".

O grupo volta ao interior do carro, com o refém sobrevivente, e, ligado o motor, segue pela trilha na mata. Em certo ponto, observando a selva, Juan Diaz manda parar. Desce e caminha alguns metros no interior da floresta, enquanto os fugitivos, com Ramirez, aguardam sob uma grande castanheira.

Mais adiante, examinando as árvores da mata, Juan Diaz aproxima-se de um arbusto de galhos retorcidos. Certifica-se de que é o vegetal conhecido como "árvore-da-cera", pertencente à família das oleáceas.

O boliviano colhe, então, vários de seus frutos, de coloração amarelada, pouco menores do que pêsségos. Guarda-os numa sacola e volta ao local onde deixara os companheiros.

Aproxima-se do Tenente, figura odiada pelos detentos da Penitenciária, e ordena para que se dispa. O militar, atônito, recusa-se a obedecer, mas Juan Diaz, auxiliado pelos companheiros, força-o a despir-se, com safanões e bofetadas.

Despojado da roupa, Ramirez é arrastado a um canto da clareira e amarrado com cordas ao tronco de uma samaumeira.

Depois, em meio à surpresa e expectativa dos outros fugitivos, a quem nada explica, Juan Diaz retira os frutos do saquinho, corta-os pelo centro e embebe um pano sujo com a substância oleosa que deles escorre.

Aproxima-se, em seguida, do militar e, com o pano, besunta-lhe o corpo nu, de alto a baixo.

Feito isto, afasta-se com Aguirre, Zimaco, Carvajal, Gimenez e Ridruejo, enquanto o cheiro forte da resina espalha-se na selva.

Na clareira, imersa em grande silêncio, aguardam por alguns minutos o resultado do curioso ritual. E, efetivamente, logo depois ele chega, de forma impressionante: de vários pontos da floresta chegam, silenciosamente, dezenas de serpentes, atraídas pelo forte odor da resina.

Ramirez, quando as divisa, estremece de horror, compreendendo, finalmente, seu trágico fim. Começa, então, a berrar, desatinado, soltando palavrões.

Os seis presidiários, da mesma forma como agiram com Ibarra, também relacionam os crimes praticados pelo Chefe da Guarda, cujo corpo vai sendo invadido pelos répteis, enlouquecidos pela resina da "árvore-da-cera".

Ao contato asqueroso das serpentes, Ramirez faz movimentos desesperados, tentando enxotá-las, inutilmente, e provocando-lhes a fúria e mordidas em todo o corpo. O desgraçado, no estertor da morte, ainda tem

forças para gritar e gemer, transido de horror e desespero.

Quando os fugitivos, terminado o rosário de imprecações que dirigiam ao refém justiciado, abandonam aquele trágico recanto da selva, Ramirez ainda tem convulsões, mordido e estrangulado pelos répteis.

4. Horas mais tarde o veículo, próximo do rio Marañon, é abandonado à beira do caminho de terra. Os presidiários, pela margem do rio, caminham na direção de Remate dos Males, primeira escala do navio "gaiola" brasileiro, que vai descendo lentamente o rio.

Lá, naquele lugarejo peruano, invadem o trapiche do ancoradouro e, empunhando armas, furtam calças e camisas, que trocam pelos uniformes de detentos.

Quando o "Amazonas" se aproxima do cais fluvial, Zimaco, armado com a metralhadora, invade o prédio da administração do pequeno porto, imobiliza o rádio-operador e, com uma barra de ferro, destrói o rádio-emissor, cortando fios e inutilizando válvulas. Volta a reunir-se aos companheiros, os quais, camuflando as armas em túnicas e sacos, aguardam, num canto do embarcadouro, que o "Amazonas" complete a atracação e desça a prancha de embarque.

Depois, mãos no gatilho, sobem a bordo, os olhos fixos no Comandante e tripulantes do barco.

Quando o Comandante, Capitão Caruana, percebe a aproximação dos invasores, tenta impedir-lhes o acesso, mas nada pode fazer diante das armas que eles, de súbito, lhe apontam.

Antes que Caruana, atônito, saque o revólver, Aguirre encosta-lhe o cano da metralhadora no peito e o imobiliza. Apesar da nervosa advertência do Comandante de que aquela é uma embarcação de bandeira brasileira, os invasores dominam a tripulação e ocupam pontos estratégicos, ordenando a rápida partida do navio.

Tudo funcionara com precisão. Os seis foragidos assumem, efetivamente, com o poder das armas, o comando da embarcação. Carvajal encara-se da sala de rádio, enquanto Ridruejo e León Gimenez desarmam passageiros e tripulantes. Aguirre, Zimaco e Juan Diaz percorrem as instalações do navio, examinam a cozinha, o rancho, os camarotes de oficiais, a casa de máquinas, o salão de terceira-classe, a proa e a popa, observando que, por toda parte, aboletam-se carga e animais, fardos de sal, latas de querosene, gasolina, pilhas de tijolos e telhas, cabras, carneiros, bois e vacas, em incrível promiscuidade. No salão, trazendo baús, trouxas e sacos, os passageiros mais pobres são vistos pelos cantos, deitados em redes armadas em paredes e colunas, compondo denso trançado.

Percorrem, a seguir, os camarotes, no convés superior, atravessam o salão de refeições, o bar, o tombadilho e os corredores. Diversas cabinas estão ocupadas, uma delas por um casal de turistas norte-americanos, muito assustados com a invasão do navio, temendo por suas jóias e dinheiro. Outra cabina abriga um missionário italiano, Frei Massotti, além de

um geólogo francês, Michel Leroy, muito queimado de sol, portando volumosa bagagem. Mais adiante, outra cabina está ocupada por dois funcionários peruanos, que viajam a Manaus em missão oficial.

Os fugitivos ocupam três camarotes no fim do corredor, e neles guardam armas e munição.

Aproximando-se do Comandante Caruana, sombrio e nervoso, Aguirre determina que, em meia-hora, reúna passageiros e tripulantes no salão de refeições.

Naquele local, cercado pelos companheiros, Lopo de Aguirre sobe num pequeno tablado e fala à multidão concentrada na sala, muito assustada.

Em espanhol, de mistura com vocábulos e expressões portuguesas, o líder do grupo adverte que não serão tolerados atos de sabotagem e traição. E conclui a advertência, com firmeza:

- Vamos fazer, juntos, uma longa viagem. Não pretendemos molestar ninguém e nem esperamos que fiquem nossos amigos. Pelo menos, não façam besteira e não queiram bancar os heróis!

Depois, apontando para as armas, acrescenta:

- Cuidado com estas bichinhas, minha gente! Elas se zangam com a maior facilidade!

5. A viagem prossegue, aparentemente normal, marcada, no entanto, pela presença inquietante dos invasores.

Quando o navio se aproxima da fronteira do Brasil, para ancorar no porto de Benjamin Constant, o ambiente de tensão se intensifica no "Amazonas".

Depois de conferenciar com os companheiros, Aguirre manda, novamente, reunir passageiros e tripulantes no tombadilho, enquanto mulheres e crianças, viajando no convés inferior, começam a chorar, temendo alguma violência.

Aguirre então lhes explica o motivo da reunião: para evitar uma provável ação repressiva das autoridades brasileiras, decidiram descer ao porão de carga, levando consigo alguns reféns, que não hesitarão em sacrificar se forem denunciados.

E, efetivamente, em meio a pânico e nervosismo, selecionam dez passageiros, de preferência mulheres e crianças. Antes de descer ao porão, Aguirre se volta para Caruana e adverte, ameaçador:

- O senhor já sabe, Comandante! Se formos traídos, esta gente será executada! A responsabilidade é sua!

Com essas providências, a escala do "Amazonas" no porto brasileiro, apesar de cercada de grande expectativa, transcorre sem anormalidade.

Nela sobem a bordo novos passageiros, entre os quais um rico fazendeiro, dono de imensos seringais à margem do Solimões, acompanhado da família: a mulher, que tem acentuados traços indígenas; a filha, moça de grande beleza e, por último, o noivo dela, engenheiro agrônomo de, aproximadamente, 30 anos de idade.

Também embarcam, na cidade ribeirinha, duas religiosas: uma mais

jovem, de traços delicados, a outra de meia-idade, ambas integrantes de uma missão religiosa da cidade.

Todos se movimentam animadamente, alheios ao drama que se desenrola no barco. Nada, porém, denuncia a presença dos seqüestradores, nem mesmo quando um oficial brasileiro, seguido por autoridades aduaneiras, vem examinar a documentação do navio, e nem quando o fazendeiro, Coronel Possidônio reclama veementemente contra a troca dos camarotes que reservara, os mesmos que haviam sido requisitados pelos invasores.

O Comandante, impedido de explicar-lhe os motivos da troca, conduz o viajante e sua família para outros camarotes.

Pouco depois, reiniciada a viagem, os assaltantes deixam o porão com os reféns. Sua aparição provoca, como facilmente se imagina, grande espanto nos passageiros recém-embarcados.

Ao passar diante das duas religiosas, León Gimenez sente-se fortemente atraído pela Irmã Berenice, fato percebido, com preocupação, por sua companheira. Mais adiante, Lopo de Aguirre, por sua vez, tem a atenção voltada para a beleza forte e exótica de Jussara, cujo pai, homem autoritário e experiente, antevê o grande perigo que sua família corre naquele navio invadido pelos bandidos. Sua preocupação leva-o a conferenciar com o futuro genro, Odorico Munhoz, e o Capitão Caruana, com quem discute planos para alertar as autoridades brasileiras.

Entre os invasores surgem, depois, os primeiros desentendimentos, provocados pelo receio de fracasso do plano de fuga, receio ampliado pelo embarque dos novos passageiros.

Juan Diaz, por exemplo, desaconselha a fuga através da cidade Tefé, muito policiada, sugerindo o desembarque no próximo porto, rio-abaixo. Ridruejo, no entanto, acha que pior que a Penitenciária de La Concepción é a selva, onde a morte é inevitável.

Temeroso do dissídio que ameaça a unidade do grupo, Aguirre interfere na discussão e diz:

- Não há mais tempo a perder, minha gente! Agora é ir em frente, de qualquer maneira! É seguir o plano, custe o que custar! Ou vocês preferem voltar para Iquitos?!...

6. A viagem continua, tensa, cercada de perigos e ameaças, afetada pela presença indesejável dos seis foragidos. Eles próprios, de novo unidos pelo grande anseio de liberdade, repetem o mesmo estratagema, quando a embarcação se acerca de São Paulo de Olivença, porto fluvial do Solimões de embarque e desembarque.

Novos reféns são separados pelo grupo de Aguirre. Entre eles, Jussara, filha do Coronel Possidônio, que é levada para o porão, apesar dos nervosos protestos do pai.

No porão de carga, lugar de calor insuportável, fugitivos e reféns aguardam, expectantes, a atracação e rápida parada do "Amazonas" no ancoradouro de São Paulo de Olivença. Num canto, meio ocultos por fardos de arroz e café, Gimenez e a religiosa, Irmã Berenice, dialogam, enquanto, metros adiante, Aguirre fixa longo e penetrante olhar em Jussara.

Enquanto no passadiço ocorre ligeiro incidente entre o Coronel Possidônio e um funcionário do porto, seu amigo, surpreso com a ausência de Jussara, no porão Aguirre aproxima-se lentamente da bela mestiça. Muito próximos um do outro, mantêm rápido diálogo, ela sentindo no rosto a respiração excitada do chefe do bando. Em dado momento, um movimento do barco recosta um no outro. Abrasado de desejo, Aguirre enlaça a brasileira, que se deixa abraçar, o rosto afogueado, os seios premidos contra o peito másculo do presidiário.

No instante em que, a certa altura, suas bocas parecem tocar-se, soa com força o silvo grave do navio, afastando-os. Aguirre volta para junto dos companheiros e Jussara, com uma sensação de vergonha e remorso, recolhe-se a um canto.

Pouco depois, livre das formalidades portuárias, o "Amazonas" liga os motores e volta a descer o rio.

7. No dia seguinte, reunidos no salão de refeições, os seis assaltantes terminam o jantar, as armas colocadas sobre a mesa. Noutro ponto, observando os estrangeiros, Possidônio analisa com Jussara e Odorico a situação explosiva do navio. O fazendeiro acha que os invasores não têm outra alternativa: ou fogem pela floresta, ou serão capturados em Manaus.

O grupo invasor, enquanto isto, discute o plano de fuga, que prevê, na cidade de Tefé, o desembarque e o seqüestro do avião Catalina que, três vezes por semana, amerissa na localidade.

Todas as atenções, subitamente, se voltam para um oficial da tripulação que chega ao refeitório e transmite, em voz baixa, informação grave ao Comandante Caruana, obrigando-o a interromper a refeição. Aguirre manda Carvajal segui-lo.

Na casa de máquinas, para onde se dirigem, ficam sabendo que uma tona de madeira havia entortado o eixo da embarcação, forçando ^{sua} atracação imediata.

E, de fato, pouco depois o "Amazonas" ancora em pequena enseada, à beira-rio.

Sob a luz forte de holofotes, dois maquinistas descem ao rio para realizar o reparo da avaria. Do convés, na noite estival, ouvem-se os ruídos da selva não muito distante. Ridruejo, Carvajal, Zimaco e Juan Diaz, armas em punho, fiscalizam da popa o conserto da peça danificada, enquanto Aguirre e León Gimenez, mais adiante, conversam no tombadilho.

Depois o venezuelano vai buscar o violão e começa a solar uma canção nostálgica, enquanto Aguirre passeia, impaciente, pelo tombadilho, até aproximar-se do camarote de Jussara, dentro do qual a bela passageira repousa.

Aguirre chega diante da cabina, estende a mão e gira a maçaneta da porta, que está fechada por dentro. Afasta-se, então, e volta para junto de Gimenez.

É nesse instante que, ferindo dramaticamente o silêncio da noite, ouve-se um grito de dor e desespero, vindo do local onde os maquinistas trabalham.

Um deles, de nome Antônio, surgira à superfície, exibindo uma máscara impressionante de horror, gritando como alucinado:

- As piranhas!... As piranhas!!! Me socorram, pelo amor de Deus!!!

O outro maquinista, José Bento, atravessa com grandes braçadas o espaço que o separa da escada de corda e sobe rapidamente à popa, bradando, desesperado:

- Ajudem o Antônio! As piranhas estão atacando o coitado!

O dramático episódio traz pânico e tumulto ao navio, atraindo, de todos os pontos, passageiros e tripulantes, que acorrem, espantadíssimos, à amurada da popa.

Embaixo, debatendo-se freneticamente, o maquinista tenta livrar-se da fúria devoradora dos peixes, enquanto o rio, pouco a pouco, se cobre de sangue. Impressionado com a cena trágica, Zimaco, de repente, assesta a metralhadora para baixo e começa a atirar em volta do infeliz, tentando, inutilmente, afugentar o cardume. Juan Diaz aproxima-se do companheiro, segura-lhe a arma e ~~lhe~~ diz que é perder tempo, que nada pode salvar o maquinista.

No rio, enquanto isto, Antônio ainda se debate, e seus gritos vão se transformando em gemidos, o corpo dilacerado pela fantástica ferocidade das piranhas. Até que, sem forças, vai sendo arrastado para o fundo do rio, e as piranhas, saciadas, devorando restos esparsos de carne, vão se afastando. As águas do rio, tintas de sangue, pouco a pouco se aquietam e tudo volta a ficar em silêncio, um silêncio sinistro que cala até a floresta.

8. Em marcha reduzida, pois ninguém mais quisera concluir o reparo, o "Amazonas" prossegue viagem até o porto de Ponte Boa.

Junto à amurada do convés superior, Odorico diz a Jussara que tomará uma decisão: aproveitando a parada em Ponte Boa, tentará descer à terra e, através do caminho que liga, pela selva, o lugarejo a Tefé, alertará o destacamento policial sobre o seqüestro do navio.

Aguirre e os companheiros, no interior do camarote, traçam planos para a atracação em Ponte Boa.

- A parada do navio deve ser demorada, por causa do concerto - explica Aguirre. Não estou com vontade nenhuma de esperar no porão, torrando naquele inferno!

Os outros concordam, animadamente, enquanto Aguirre prossegue, determinado:

- Desta vez a gente não desce! E mais, ainda: vamos atacar a cidade, destruir o posto de rádio, apanhar dinheiro, o que for possível encontrar!

A proposta encontra eufórica acolhida entre os assaltantes:

- É assim que eu gosto! - exclama Zimaco, excitado. Estou cansado desta pasmaceira!

Horas mais tarde, efetivamente, a invasão de Ponte Boa se realiza, assim que o barco encosta no cais da localidade. Deixando Carvajal e Gimenez a bordo, Aguirre, Zimaco, Ridruejo e Juan Diaz atacam o posto

policial, no final de uma rua, aprisionam numa cela um cabo e três soldados, destroem o aparelho de rádio da Delegacia e, em seguida, em operação fulminante, tomam de assalto a agência do Banco da Amazônia, de onde recolhem todo o dinheiro. A sortida do grupo prossegue com o saque de armazens, casas comerciais e residências, levando o pânico à população miserável do lugarejo.

No cais, enquanto isto, Odorico aproveita uma distração de Carvajal e Gimenez, desce ao ancoradouro, mete-se entre carregadores, afasta-se do local e, mais adiante, ganha uma trilha e desaparece na selva.

De volta ao navio, Aguirre e os companheiros decidem, em conjunto, atirar a carga ao mar e desembarcar na cidade os passageiros de terceira classe.

Diante da revolta e a ruidosa indignação de Caruana e viajantes da classe superior, Aguirre, mantendo-se irredutível, argumenta que, com o excesso de peso, o navio viaja com grande lentidão, arriscando a segurança do grupo. Outra medida, também revoltante, é a suspensão de todas as escalas intermediárias até a cidade de Tefé.

Seguindo as instruções dos invasores, o Comandante Caruana concentra no convés inferior os passageiros e, em meio a incrível confusão e gritos de revolta, esclarece que, forçados pelos assaltantes, deverão desembarcar em Fonte Boa.

Para interromper o grande tumulto que se formara, Aguirre aponta a metralhadora para o alto e faz uma rajada de advertência, bradando, a pleno pulmão:

- Vamos parar com esta gritaria! Se não deixarem o navio, imediatamente, começamos a atirar, e desta vez não será para o alto! Vamos, vamos saindo!!!

Enfurecido com o triste espetáculo que presenciava, Frei Massotti lança veementes protestos ao líder do bando que, a certa altura, empurra o sacerdote.

Frei Massotti, colérico, nervosíssimo, volta para junto de Aguirre e, dominado pelo furor, grita para quem quiser ouvir:

- Vou descer com esta pobre gente! Não fico aqui, na companhia desta corja de bandidos!!!

Aguirre, então, reagindo ao insulto, aplica tremenda bofetada no frade que, cambaleando, o rosto sangrando, é amparado por Irmã Berenice, que o retira do local.

Os passageiros descem, em meio a gritos, protestos e o choro de mulheres e crianças.

Depois que a carga é retirada do barco, o "Amazonas", com a avaria reparada, retoma o meio do rio, seguindo viagem.

À noite daquele tumultuado dia, os seis presidiários, enervados com a monotonia da viagem, esgotam o estoque de vinho, uísque e até de cachaa.

Acompanhados ao violão por Gimenez, Zimaco e Juan Diaz entoam canções sul-americanas, enquanto os garçons, intimidados, servem doces e sanduíches.

Por volta da meia-noite, Juan Díaz, Carvajal e Zimaco, embriagados, ressonam sobre a mesa, enquanto Ridruejo, Aguirre e Gimenez continuam a beber.

Na torre de comando, Caruana revela ao timoneiro o receio de que tudo aquilo pode acabar mal. O tripulante então sugere que o navio não atraque em Tefé, quilômetros abaixo, passando ao largo, apitando e, desta forma, alertando militares e autoridades da cidade. O Comandante, contudo, rejeita a sugestão, que considera extremamente arriscada:

- Pode haver um morticínio, Jerônimo! - diz Caruana. Esses bandidos são capazes de tudo! Há-de surgir uma solução!

Enquanto isto, na noite fastidiosa, Aguirre e León Gimenez vão para o tombadilho. Lá respiram o ar mais fresco da noite, e ficam algum tempo em silêncio. Depois o venezuelano retoma o violão e Aguirre, tocado pela atmosfera romântica que se faz, movido pela bebida e o impulso erótico, caminha vagarosamente na direção do camarote de Jussara, diante do qual pára, excitado. Estende a mão e torce a maçaneta da porta que, desta vez, não está fechada. E ele entra.

No interior do aposento, Jussara, estendida no leito, está inteiramente nua, como se o esperasse. Ao avistar a silhueta máscula de Aguirre, que fecha a porta da cabina e caminha em sua direção, a moça estremece, palpitante e sensual. Seu colo arqueja, fremente, possuído por um desejo insopitável que a deixa tensa e fascinada.

Aguirre, sem pressa, os olhos fixados no corpo jovem da brasileira, chega muito perto do leito e começa, então, a despir-se.

Depois, inteiramente nu, dá mais um passo, recosta-se no leito, debruça-se e estende os braços para Jussara, que não oferece nenhuma resistência, trêmula e submissa. E a ergue, como frágil objeto, traz-lhe o corpo para si, erigido de desejo. A moça, num gesto instintivo, afasta as pernas e se oferece à posse do fugitivo que, por sua vez, se estende sobre o corpo que é seu.

O rosto de Jussara, no instante em que é possuída com força, contrai-se num ricto de gozo, de sofrimento e prazer.

10. No dia seguinte, pela manhã, o "Amazonas" aproxima-se de Tefé, cidade de porte médio, com o casario pobre comprimindo-se à beira do Solimões.

Os seis invasores vão colocar-se estrategicamente no tombadilho superior, próximos da escada que leva ao pavimento inferior, aguardando, expectantes, a atracação no cais.

No ancoradouro tudo parece normal, com a multidão tradicional de passageiros, comerciantes, vendedores de doces e bugigangas, carregadores, habitantes e autoridades portuárias.

Num canto, evitando ser visto, ^(percebe-se) a figura inesperada de Odorico Munhoz, os olhos fixos no navio que manobra para atracar.

A bordo, por sua vez, Aguirre e os companheiros estão prontos para descer ao porto, iniciando a etapa final da fuga.

Aguirre, em voz baixa e nervosa, faz as últimas recomendações:

- Só atirem em último caso! Se o avião demorar, a gente volta ao barco e apanha alguns reféns, até que ele chegue!

Juan Diaz aponta o local, pouco adiante, no qual o Catalina pousa para reabastecimento, embarque e desembarque de passageiros. E exclama, confiante:

- Se tudo der certo, e tem de dar, daqui a pouco estamos voando! É a liberdade para o resto da vida!

Ancorado o navio no porto, a prancha é içada e, antes que qualquer pessoa suba a bordo, os seis invasores começam a descer, as armas camufladas.

Nesse instante, surgindo por trás de edifícios e de ruas que desembocam no cais, vinte soldados e dez civis, fortemente armados, entre eles Odorico Munhoz, precipitam-se na direção do navio.

Aproximando-se da prancha de descida, os militares, comandados por um Tenente do destacamento de Tefé, dão ordem de prisão aos seis assaltantes que, atônitos, pegos de surpresa, só têm tempo para recuar na escada, sacando armas e atirando furiosamente em todas as direções, provocando tremenda confusão.

Dezenas de populares, aglomerados no ancoradouro, correm espavoridos, em busca de abrigo. Alguns tombam, varados pelas balas disparadas pelos bandidos.

Protegido por troncos de árvores, fardos de mercadoria, veículos e toras de madeira, o grupo de Tefé revida ao ataque e também dispara suas armas.

A batalha estala, cruenta, entre brasileiros e estrangeiros. Deslocando-se, como alucinados, no interior do navio, os seis invasores, acuada, voltam sua fúria contra passageiros e tripulantes, a quem acusam, aos berros, de traição.

Uma rajada mata, no tombadilho, um oficial do "gaiola", enquanto dois passageiros, atingidos pelos tiros, arrastam-se no convés, gemendo.

Perido no peito, Carvajal estertora, num canto, banhado em sangue.

Sua morte, minutos depois, presenciada por Aguirre, leva o chefe do bando ao paroxismo do ódio. De pé, vociferando palavrões, aponta a metralhadora contra os brasileiros que, no ancoradouro, continuam a atirar. Uma rajada derruba dois deles, inclusive Odorico, atingido na cabeça.

A fuzilaria estronda na planície, trazendo pânico à cidade e sua população humilde.

Para buscar posição mais estratégica, os sobreviventes do bando sobem correndo a escadaria que leva ao convés superior.

É nesse instante que, surgindo subitamente no tombadilho, Capitão Caruana corre até o corpo imóvel de Carvajal, caído de borco, e lhe arrebatada a metralhadora. E começa a atirar, como louco, na direção dos prisioneiros.

Ao perceber que a arma, empunhada pelo comandante do navio, se volta na direção de León Gimenez, Irmã Berenice sai correndo para adverti-lo do perigo. O que faz, no entanto, é interpor-se entre a arma e o venezuelano, recebendo uma rajada da metralhadora, tombando morta, o hábito branco empapando-se de sangue.

Gimenez, desesperado, que a tudo assistira, corre para socorrê-la. Antes que a alcance, no entanto, também é atingido por outra carga, e tomba morto, a poucos metros da missionária.

Aguirre e Juan Diaz, testemunhas coléricas do morticínio, assestam suas armas contra Caruana e o fuzilam entre berros e imprecações.

Depois, gritando como doidos, Aguirre, Juan Diaz, Ridruejo e Zimaco começam a atirar contra todos os que avistam, inclusive passageiros, como o Coronel Possidônio, que é crivado de balas.

Jussara, desesperada, corre a socorrer o pai, enquanto sua mãe, Dona Hortênsia, fica estatelada, num canto, idiotizada pela violência da cena.

Uma inesperada pausa no tiroteio permite que o grupo armado de Tefé suba correndo a prancha e chegue ao convés inferior, protegido por intenso fogo de cobertura.

Ridruejo e Zimaco, com a munição esgotada, tombam varados pelas balas, enquanto Aguirre e Juan Diaz, últimos sobreviventes, deslocam-se de um lado para outro, lutando furiosamente.

À frente dos comandados, o Tenente do destacamento de Tefé chega ao convés superior e atira nos dois invasores, atingindo Juan Diaz que, gravemente ferido no peito, cambaleia, esbravejando como alucinado:

- Perros malditos! Não me pegam, filhos da puta!!!

E descarrega o resto de munição, até morrer, os olhos estatelados e cheios de ódio.

Ao ver que a situação está perdida, Aguirre, de repente, sem que ninguém o detenha, dispara a metralhadora e sai correndo na direção de Jussara, parada num canto da proa, a expressão vaga e inerte.

Antes que ela mesma se dê conta, o último fugitivo toma-a nos braços e corre à amurada do navio.

Nesse instante, surgindo no céu da planície, o avião Catalina está chegando a Tefé, manobrando para pousar no rio. Aguirre, com um sorriso irônico e desalentado, ainda tem tempo de olhar o aparelho, que passa velozmente sobre a embarcação.

Antes que pule a amurada e salte ao rio, recebe uma rajada nas pernas. Mesmo assim, com esforço sobre-humano, atira Jussara por cima da amurada e, logo em seguida, também se lança no Solimões.

Voltando à tona, o presidiário enlaça Jussara com o braço esquerdo e, com o direito, nada na direção da margem oposta ao cais.

E, desta forma, soltando grunhidos e palavras desconexas, o rosto coberto de sangue e suor, Aguirre vai se afastando do navio, do qual um dos soldados do destacamento, lhe aponta o fuzil-metralhadora. Mas o Tenente, chefe da escolta, impede-o de atirar, dizendo:

- Não atire, Josias! Pode ferir a moça!